



GT 17. Antropologias da paisagem

Coordenador(es):

Thiago Mota Cardoso (UFAM - Universidade Federal do Amazonas)

Pedro Castelo Branco Silveira (Fundaj)

Sessão 1 - HABITAR PAISAGENS

Debatedor/a: Emmanuel Duarte Almada (UEMG - Universidade do Estado de Minas Gerais)

Sessão 2 - COSMOPOLÍTICA DAS PAISAGENS E MODOS DE RESISTÊNCIA

Debatedor/a: Rafael Palermo Buti (UNILAB - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira)

Sessão 3 - PAISAGENS NO/DO ANTROPOCENO

Debatedor/a: Karine Lopes Narahara (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Paisagem é uma categoria que tradicionalmente ganhou pouco destaque nas discussões antropológicas, geralmente compreendida a partir de suas dimensões estéticas e representacionais, especialmente aquelas relacionadas ao campo visual. Recentemente, abordagens processuais das paisagens tem ganhado força a partir, por um lado, do questionamento das fronteiras entre natureza e cultura, com autores contemporâneos como Philippe Descola, Tim Ingold e Anna Tsing e, por outro lado, com abordagens que incluem a dimensão da ecologia política e do reconhecimento público de paisagens como patrimônio imaterial de povos e comunidades tradicionais. O GT discutirá as diversas possibilidades do uso do conceito de paisagem na antropologia, incluindo abordagens estéticas e processuais, dimensões visuais, sonoras ou táteis, e suas relações com outros conceitos antropológicos tais como território, terra, lugar, ambiente e patrimônio, e com os debates sobre o Antropoceno. São encorajadas experimentações etnográficas que se fazem em diálogos com outras disciplinas que se utilizam desta categoria, entre elas a geografia, a ecologia e as artes visuais.

Sobre outro litoral: as paisagens Mbyá-Guarani na ilha de São Francisco do Sul

Autoria: Marília Pinheiro Rosa de Castro (UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina)

Partindo do problema da construção de quatro portos privados, acompanhados de obras retroportuárias, no município de São Francisco do Sul (litoral norte de Santa Catarina), proponho reflexões sobre como a ilha e suas distintas paisagens são construídas e pensadas pelos Mbyá-Guarani das Terra Indígenas Morro Alto e Reta. Argumento que essa paisagem é estabelecida a partir de uma cosmo-cartografia complexa, na qual o litoral e as ilhas ocupam lugar privilegiado. Ainda pouco explorado na literatura específica, o mar (para guachu) não só evoca emoções e tem qualificativos múltiplos para os mbyá, como também apresenta lugar importante em suas relações ecológicas e cosmopolíticas, representando, ainda, o que poderíamos chamar de começo da cartografia guarani - yvy akã (o fim da terra). (DARELLA, 2004; LADEIRA, 1991). A contrapelo do que aparentemente sugere o projeto desenvolvimentista para o qual o mar é meio para exportação de mercadorias, para os guarani ele não tem implicações diretas para subsistência: eles não pescam no mar, não se banham no mar, de forma que já me foi alegado, mais de uma vez, que o mar seria uma plataforma cuja principal importância é a contemplação, que acalma e traz vigor. Isso não reduz sua importância, posto que grande esforço é empreendido pelos mbyá para caminharem e viverem próximos ao mar, mas especialmente porque falamos da construção de lugares e paisagens que não são de maneira alguma óbvios. Diversas metáforas e estratégias são mobilizado pelos guarani em explicarnos a questão do invisível por



detrás do visível em pedras, montanhas e lugares específicos na ilha de São Francisco do Sul. É o caso de certos componentes da paisagem (como pedras e montanhas) e ?espécies espirituais? (WERÁ TUPÃ, 2004) que apenas os xamõi (mais velhos, que detém conhecimento) podem enxergar, ou são vistos apenas em sonhos - cuja invisibilidade, ou caráter centralmente contemplativo, como no caso do mar, não devem ser confundidos como aspectos secundários ou como imaginações/crenças em oposição ao real, material e aos fatos. Assim, como argumento a favor da profundidade e especificidade paisagística mbyá na ilha de São Francisco do Sul, busco começar a refletir, a partir da vivência com eles, sobre uma cartografia guarani que constrói complexas paisagens nos litorais, um tecer paisagístico construído através de avatares míticos e incidências xamânica, bem como por relações ecológicas, sociopolíticas e históricas. Ou seja, tenta-se começar a vislumbrar aqui uma cartografia outra, feita através de metodologias e elementos igualmente diversos.



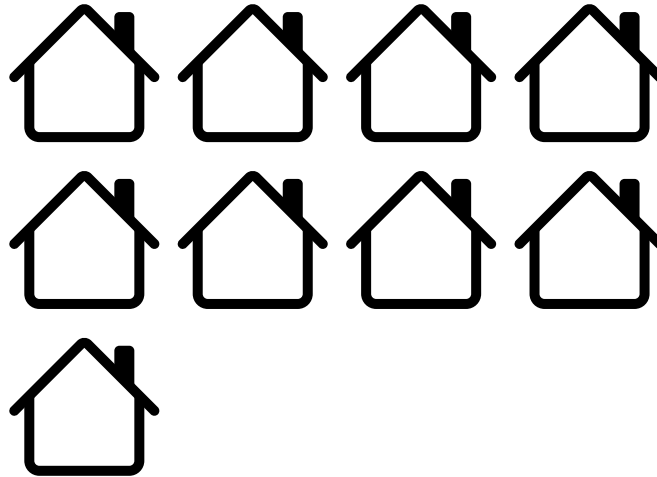
Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: